

Título: O ranking dos advogados no ano					Âmbito: Nacional	
2006/11/08	JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL	Pág.32	Imagem: 1/2		Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 1.4
					Periodicidade: Diária	Inv.: 4218.75

especial Inconfirmável M&A

O 'ranking' dos advogados no ano

Quem assessoria juridicamente os grandes negócios em Portugal Investigação Jornal de Negócios

Data do anúncio	Empresa-alvo	Empresa oferente	Firma	Advogado-líder	Empresa vendedora	Sociedade advogados	Advogado-líder	Valor*	Estado
06-02-2006	Portugal Telecom	Sonaecom	MLGTS	Carlos Osório de Castro				17221,92	Pendente
13-03-2006	BPI	BCP	MLGTS	João Soares da Silva				5169,59	Pendente
06-02-2006	PT Multimédia	Sonaecom	MLGTS	Carlos Osório de Castro				1418,45	Pendente
12-09-2006	Galp Energia	Amorim Invest.	Linklaters	Jorge Bleck	REN	MLGTS	Nuno Galvão Teles	1181,25	Completa
01-09-2006	Infra-estruturas gás natural	REN	MLGTS	Nuno Galvão Teles	Galp	GPCB	Diogo Perestrelo	1000	Completa
07-12-2005	Galp Energia	Amorim Invest.	Linklaters	Jorge Bleck	EDP	MLGTS	Nuno Galvão Teles	843,92	Pendente
26-10-2006	Media Capital	Prisa	Uría Menéndez	Francisco Sá Carneiro				641,41	Pendente
18-10-2006	Amorim Imobiliária	Chamartin	SLCM	Luís Cortes Martins	Amorim	PLMJ	Gabriela Rodrigues Martins	626,02	Completa
02-06-2006	Cabovisão	Cogeco	GPCB	Diogo Perestrelo	Cablesatisfaction	ACA	Pedro Cardigos	601,3	Completa
08-06-2006	Celbi	Altri	Sérvulo Correia & Ass.	Teresa Serra	Stora Enso	PLMJ	Manuel Santos Vítor	541,59	Completa
20-02-2006	Tranquilidade	BES	Garrigues	Diogo Leônidas	ESFG			537,59	Pendente
20-02-2006	Tranquilidade	Credit Agricole	VdA	Pedro Cassiano	ESFG			537,59	Completa
01-12-2005	Eneris	Babcock & Brown	PLMJ	Maria Castelos	Semapa			525	
03-11-2005	Compal & Nutricafés	CGD		Pinto Ribeiro	Nutrinveste SGPS	SLCM	Luís Cortes Martins	509,45	Completa
13-10-2006	Soares da Costa	Investifino	MLGTS	João Soares da Silva				274,45	Pendente
05-11-2006	PGA	TAP	PLMJ	Jorge Brito Pereira	GES	VdA	João Vieira de Almeida	175	Pendente
20-02-2006	Seguros Tranquilidade	ESFG			Credit Agricole	VdA	Pedro Cassiano	158,47	Pendente
05-01-2006	Efacec	Technoholding	VdA	João Vieira de Almeida				157,37	Completa
17-02-2006	Banque BCP	Caisse Nationale			BCP	MLGTS	Luísa Soares da Silva	142,65	Completa
29-12-2005	HOSPOR	GES	Linklaters	Jorge Bleck	3i e Manuel Agonia	GPCB	Diogo Perestrelo	142,1	Completa
05-08-2005	Interbanco	Santander CH	Linklaters	Jorge Bleck	BCP	MLGTS	Luísa Soares da Silva	135,6	Completa
31-10-2006	Gescartão	Europac	MLGTS	Carlos Osório de Castro				130	Pendente
04-08-2006	3 Retail Parks	British Land						128,94	Completa
01-01-2006	VarigLog	TAP	PLMJ	Jorge Brito Pereira				87,5	Completa
31-12-2005	Nutricafés	Explorer	VdA	Helena Vaz Pinto	CGD			81,65	Completa
16-05-2006	Grupo Barraqueiro	Arriva	Abreu & Marques, Vinhas					76,95	Pendente
06-10-2006	Nova Cimangola	Cimangola			Cimpor	PLMJ	Jorge Brito Pereira	74	Pendente
07-09-2005	NQF Gas	EDP	MLGTS	Nuno Galvão Teles	Endesa			70,32	Completa
25-07-2006	Modelo Continente	Sonae SGPS	MLGTS	Carlos Osório de Castro				55,01	Pendente
01-06-2006	Enabler	Wipro			Sonaecom	MLGTS	Carlos Osório de Castro	52,53	Pendente
21-03-2006	Tertir	RL SGPS	MLGTS	Carlos Osório de Castro				50,04	Completa
01-07-2006*	Sogrape	Holding Joe Berardo	GPCB	André Luiz Gomes	Bernardino Carmo & Filho			50	Pendente
20-02-2006	Espirito Santo Seguros	Credit Agricole	VdA	Pedro Cassiano	ESFG			47,79	Completa
18-10-2006	RL SGPS	Mota-Engil	MLGTS	Carlos Osório de Castro				46,33	Completa
30-06-2006	Ferrometal	Kaikonecranesoj			R Stahl	GPCB	Frederico Pereira Coutinho	38,99	Pendente
03-08-2006	BCP Bank Canada	Bank of Montreal			BCP	MLGTS	Luísa Soares da Silva	36,41	Pendente

Título: O ranking dos advogados no ano				R	Âmbito: Nacional	
2006/11/08		JORNAL DE NEGOCIOS – PRINCIPAL			Temática: Gestão/Economia/Negócios	
Pág. 33		Imagem: 2/2			GRP: 1.4	
				Periodicidade: Diária		Inv.: n.a.

louco de fusões & aquisições

Outros advogados

Linklaters (António Soares) com o assessor financeiro, Santander. PLMJ (Jorge Brito Pereira), VdA (João Vieira de Almeida), Garrigues (Diogo Leónidas) e GPCB (Maria João Ricou) com a administração da PT João Vieira de Castro e Linklaters (Jorge Bleck) com o BPI

Linklaters (António Soares) com o assessor financeiro, Santander. PLMJ (Jorge Brito Pereira), VdA (João Vieira de Almeida), Garrigues (Diogo Leónidas) e GPCB (Maria João Ricou) com a administração da PT PLMJ (Gabriela Rodrigues Martins) com Estado e GPCB (Diogo Perestrelo) com Galp

PLMJ (Gabriela Rodrigues Martins) com Estado e GPCB (Diogo Perestrelo) com Galp RTL com MLGTS; Administração da MC com Linklaters; GPCB (Maria João Ricou) com Comissão de Auditoria

PLMJ (Gabriela Martins) com o assessor financeiro Morgan Stanley; MLGTS (Luís Branco) com a eurohypo (credor) SLCM (Rafael Lucas Pires) com o assessor financeiro Canadian Imperial Bank GPCB (André Luís Gomes) com sindicato bancário CGB e BPI

MLGTS (Joaquim Vieira Peres) apoiou a CGD em Concorrência e Fiscal; Simmons & Simmons tinha estado com Sumolis

MLGTS (Luís Branco) com o assessor financeiro eurohypo

GPCB (Diogo Osório) com Barraqueiro

PLMJ (Gabriela Rodrigues Martins) está a assessorar a família Guedes, que considera a compra hostil

Pedro S. Guerreiro psg@mediafin.pt

28,5 mil milhões de euros. É este o valor movimentado em Portugal este ano, segundo a Dealogic, em fusões & aquisições (na terminologia anglo-saxónica: M&A). Não são muito mais as operações face a anos anteriores – mas envolvem mais, muito mais dinheiro. Só este ano já foram anunciados negócios em valor superior a todos os que foram fechados entre 2001 e 2005. Razão para LEX se atirar a uma tarefa inédita: sistematizar a assessoria jurídica envolvida nas principais operações. O resultado é a enorme tabela que aqui se publica, desagregando 36 grandes negócios realizados desde final de 2005, num total de 34 mil milhões de dólares.

Aqui são identificadas 73 assessorias jurídicas (de 15 firmas diferentes), o que constitui o maior trabalho alguma vez publicado na imprensa portuguesa de identificação de assessores jurídicos. “A ‘explosão’ de M&A é absolutamente extraordinária”, qualifica Nuno Galvão Teles, sócio da MLGTS. O advogado sabe do que fala: a sua sociedade lidera em número e em valor a tabela desta fusões & aquisições, como LEX analisará na próxima semana, na segunda parte deste trabalho. Para já, tendências de um mercado em que há muito dinheiro disponível para investir, como realça Diogo Leónidas, da Garrigues Portugal.

O factor OPA

Várias razões explicam este crescimento acelerado de fusões & aquisições. A primeira é termos apanhado finalmente o comboio mundial dos grandes negócios. O primeiro desses grandes negócios foi a entrada de Américo Amorim na Galp, no fim de 2005. Mas acabou por ser a oferta pública de aquisição (OPA) da Sonae-com sobre a PT (pouco mais de um mês depois) que funcionou como movimento desinibidor de toda a onda de operações que se lhe seguiram. Aliás, as maiores OPA (e já houve 11 OPA desde Janeiro na Euronext Lisbon!) são também os maiores negócios do ano. “A OPA sobre a PT deu uma nova pujança ao mercado”, afirma António Soares, sócio da Linklaters. Luís Miguel Cortes Martins, da SLCM, completa: “As OPA foram uma pedrada no charco”.

Mas se quisermos identificar as motivações desta onda transaccional, temos de compor um caldeirão de razões: há muita liquidez nos mercados internacionais; Portugal beneficia finalmente da atenção de “private equities”; as empresas estão com os balanços “limpos”; a valorização da bolsa melhora esses balanços, permitindo mais passivos; os bancos estão muito mais disponíveis para o risco; os mercados industriais estão em reestruturação; e a confiança na economia portuguesa melhorou.

Disponibilidade financeira

“O excesso de liquidez gera uma pressão compradora”, afirma Diogo Perestrelo, sócio da GPCB. O advogado acrescenta ao diagnóstico a “novidade” dos fundos de capital privado (“private equities”), até há pouco arredados do nosso País. Hoje, há não só vários fundos portugueses como também uma presença expressiva de projectos internacionais. Perestrelo frisa ademais que além de significarem a entrada de liquidez investidora no mercado, estes fundos têm a particularidade de procurarem médias empresas, apostando em equipas de gestão empreendedores e com disponibilidade para o risco: “É preciso saber se Portugal tem médias empresas em condições de serem objecto de tran-

sacção por esses fundos. Eu julgo que sim”.

Francisco Sá Carneiro, líder da Uria Menéndez em Portugal, realça que a própria a disponibilidade dos bancos, tradicionalmente mais avessos ao risco (e constringidos pelas regulações dos bancos centrais), é diferente: “Os bancos estão hoje dispostos a aceitar uma capacidade de endividamento das empresas muito superior ao que acontecia antes”: a banca está a conceder créditos até seis vezes os EBITDA (“cash flows” operacionais) das empresas (o que pode chegar a 11 vezes em financiamentos estruturados), o triplo do que acontecia há alguns anos, quando duas vezes o EBITDA era um nível de endividamento empresarial no limite.

João Vieira de Almeida, sócio-gestor da VdA, ressalva que a dinâmica negocial resulta não apenas da canalização de liquidez mas “é muito reflexo da melhoria dos níveis de confiança”, além de ser consequência de “reestruturações estratégicas de empresas”. Reestruturações pressionada também por Espanha, complementa Sá Carneiro: “Há uma pressão do exterior, de iberação dos mercados português e espanhol”. O mesmo considera Cortes Martins, que evidencia a “pressão espanhola a querer comprar em Portugal, mas também de muitos empresários portugueses a querer comprar lá fora”.

Racionalidade económica

“Estamos de facto numa época de M&A”, re-

conhece Dulce Franco, da PLMJ. Que tipifica: “Nos últimos anos, os negócios eram ‘cost-driven’, orientados para a redução de custos; agora, são orientados para a especialização nos negócios”. É que a crise económica levou os grupos empresariais a “virarem-se para dentro, para a reorganização, para os cortes de custos, para o governo de sociedades”. Depois da limpeza de balanços, prossegue Dulce Franco, “há mais ‘cash flow’ nas empresas, que estão a promover operações para fortalecerem o seu ‘core business’, abandonando actividades acessórias”.

O “boom” chega a Portugal depois do da Europa, mas permanece depois de, no resto do mundo, a onda esfriar. Mas a tendência não é parar já. A própria OPA sobre a PT, que já foi o tónico para 2006, garante muitas operações para 2007. “Independentemente do desfecho, a OPA vai provocar muitos M&A em 2007”, explica António Soares, invocando a reestruturação do sector de telecomunicações em Portugal que a ofensiva da Sonae provocou.

negócios.pt

SAIBA MAIS

A 2ª parte deste trabalho é publicada daqui a 8 dias